New Trends in Qualitative Research

BY-NC-ND

VOLUME **21** | Nº **1**

DOI:
https://doi.org/10.36367/ntqr.21.1.2025.e1198

Aline Veroneze

Luis Miguel Loureiro

Alexandra Figueira

Data de submissão: Abril,, 2024
Data de avaliação: Janeiro, 2025
Data de publicação: Março, 2025

O USO DO QUESTIONÁRIO PARA OBSERVAÇÃO DE UMA REDE DE NETATIVISMO PELA EDUCAÇÃO

RESUMO

Este artigo objetiva descrever didaticamente a estruturação de um questionário para observação da mobilização social brasileira #Nem1PraTrás, constituída por atores da sociedade civil que se organizaram em prol da luta contra a evasão escolar no Brasil entre 2019 e 2023. A ferramenta visa a coleta de dados para a investigação acerca da movimentação e da formação de vínculos da rede. Com esse propósito, o questionário é parte de uma estratégia de triangulação intermétodos, para fins de descrição demográfica, comportamental e atitudinal que colaborem para a compreensão do engajamento com a causa e com o comportamento na rede. O empenho na descrição do desenvolvimento e uso dessa ferramenta metodológica justifica-se pela demanda de bibliografia sobre o uso dos questionários em investigações com predominância qualitativa nas ciências sociais, em particular nos estudos multimodais sobre redes sociais em Ciências da Comunicação. A partir dos pressupostos teóricos, parte-se da pergunta: como desenvolver e empregar o questionário em um estudo de redes? O objetivo é descrever o processo envolvido no emprego de tal ferramenta. Este artigo tem início com a descrição dos critérios para definição da amostra, em seguida detalha-se a construção das seções do questionário e a formulação das questões, a escolha de instrumentos para análise e, por fim, a gestão e armazenamento dos dados. Tal descrição corresponde ao esforço de compreensão da mobilização enquanto estudo de caso e preconiza a realização de uma ação semelhante em prol da educação em Portugal, de modo que os achados são essenciais para a estruturação da etapa seguinte da investigação.

Palavras-Chave
Triangulação metodológica; Questionário; Redes socias, Comunicação, Investigação-ação.

THE USE OF QUESTIONNAIRES TO OBSERVE A NET-ACTIVISM NETWORK FOR EDUCATION

Abstract
This article aims to methodically describe the structuring of a questionnaire designed to observe the Brazilian social movement #Nem1PraTrás, composed of civil society actors who organised to combat school dropout in Brazil between 2019 and 2023. The tool seeks to collect data for investigating the movement and the formation of links within the network. As part of this objective, the questionnaire is incorporated into an inter-method triangulation strategy for the purposes of demographic, behavioural, and attitudinal description to aid the understanding of cause-related engagement and network behaviour. The emphasis on detailing the development and use of this methodological tool is justified by the need for literature on the application of questionnaires in predominantly qualitative research within the social sciences, particularly in multimodal studies of social networks in Communication Studies. Drawing on the theoretical foundations, this article addresses the research question: how can a network be mapped through the use of a questionnaire? The article begins by outlining the criteria for sample definition, followed by a detailed explanation of the questionnaire's sections and question formulation, the selection of analytical instruments, and finally, the management and storage of data. This description reflects the effort to understand mobilisation as a case study and suggests that similar action should be undertaken in support of education in Portugal, with the findings being essential for structuring the next stage of the investigation.

Keywords
Methodological triangulation; Questionnaire; Social networks; Communication; Action research.

1. Introdução

Em 2019, a Fundação Roberto Marinho liderou um movimento que reuniu 35 instituições contra a evasão escolar. Esse grupo, formado por diversos tipos de instituições: governamentais, terceiro setor, organizações não-governamentais (ONGs), museus, universidades, fundações, veículos de comunicação, etc, desenvolveu uma série de ações em conjunto. Foram feitos workshops, lives, reuniu-se material de apoio para professores, familiares e comunidade escolar em um drive e usaram-se as hashtags #Nem1PraTrás, #Nem1SemProfessor e #DiadaEducação para compartilhar conteúdo em prol da educação no Twitter, Instagram e Facebook (Veroneze, 2024). A ação cresceu e chegou em 2023 com cerca de 200 instituições e mais de cem milhões de contas alcançadas nessas redes sociais online. Neste mesmo ano, a Fundação para Ciência e Tecnologia aprovou o financiamento do projeto de investigação aqui em questão, com a proposta de fazer semelhante movimento, reunindo parceiros em prol da educação em Portugal, em prol da causa docente. Decidiu-se fazer um estudo de caso do movimento brasileiro e, a partir dele, estruturar a ação em terras lusas (Veroneze et al., 2024).

A investigação visa mapear a rede, as iniciativas e conexões, online e offline. Apesar dos dados quantitativos das plataformas das redes sociais evidenciarem que a união orquestrada dos atores com a causa foi bem-sucedida no contexto online, há um outro aspeto que só fica evidente na análise qualitativa das dinâmicas ao longo dos quatro últimos anos: a formação da rede e o engajamento offline e o resultante capital social adquirido por esses atores. Importa investigar como são compostas as equipes envolvidas; as interações que mantiveram; os públicos para os quais dirigiram suas comunicações; a identificação com a causa e com o movimento, enfim, os laços que estabeleceram e fortaleceram (Latour, 2013; 2016; Primo, 2013; 2016; Recuero, 2009; Recuero & Zago, 2009). Pergunta-se: Como as instituições movimentam-se no engajamento com a causa e com a rede? Para tal empreitada, o caminho metodológico inclui a recolha de dados quantitativos e qualitativos do Facebook, Instagram e Twitter; além de registros das reuniões do grupo e do material que disponibilizaram para apoio dos professores no drive. Como outra técnica para obtenção de informações, desenvolveu-se um questionário, a fim de que cada instituição acrescentasse dados sobre sua própria movimentação.

Apesar de grande parte da bibliografia abordar os questionários no âmbito da pesquisa quantitativa, o inquérito por questionário pode fornecer informações consistentes à investigação, inclusive de caráter qualitativo:

> ... encontramos, por vezes, uma utilização imprecisa em investigação em Ciências Sociais e Humanas da expressão “inquérito” para designar “processos de recolha sistematizada, no terreno, de dados suscetíveis de poder ser comparados”, associando, à partida, este conceito a uma perspetiva de investigação quantitativa (Carmo & Ferreira, 2008, p. 139). Esta perspetiva é, segundo os autores Carmo e Ferreira (2008, p. 139), “profundamente redutora”, uma vez que o que define um inquérito não é a possibilidade de quantificar informação obtida, mas sim a recolha sistemática de dados de forma a poder responder a um determinado problema. A este respeito, por exemplo, as técnicas de análise de conteúdo de Bardin (1977) são extensíveis às possibilidades de quantificação de informação de natureza qualitativa (Batista et al., 2021, p.16).

Este artigo tem seu empenho na descrição do desenvolvimento e uso dessa ferramenta metodológica justificado pela demanda de bibliografia sobre o uso dos questionários em investigações com predominância qualitativa nas ciências sociais, em particular nos estudos multimodais sobre redes sociais em Ciências da Comunicação.

2. O lugar do questionário dentro da investigação

O inquérito por questionário integra a etapa do estudo de caso da investigação aqui em causa, sendo uma das ferramentas para identificação dos atores e das dinâmicas da mobilização brasileira. Seu desenvolvimento teve em consideração a necessidade de obter os dados descritivos sobre os quais construiremos a etapa seguinte da investigação-ação, conforme ilustra a figura 1.

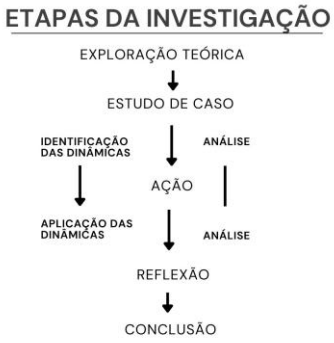


Figura 1 - Etapas da investigação

Parte-se aqui da premissa de que "apesar de existir uma preponderância do quantitativo sobre o qualitativo, sendo a investigação qualitativa facilitadora da quantitativa, a investigação quantitativa também pode ser facilitadora da qualitativa" (Duarte, 2009, p.15) e ainda de que "o qualitativo ter preponderância sobre o quantitativo – é menos comum, mas também assume diferentes funções. Como refere Brannen (1992), o método quantitativo pode ser mobilizado para contextualizar estudos intensivos de pequena escala" (Duarte, 2009, p.17).

O referencial teórico da investigação inclui estudos como o de Isabel Babo (2018; 2024) que revelam que as mobilizações públicas podem constituir-se ações coletivas e/ou ações conectadas. Ações coletivas geralmente exigem maior compromisso e organização, enquanto ações conectadas podem apresentar diferentes níveis de envolvimento. O engajamento com a causa pode advir tanto da identificação com a temática (Loureiro et al., 2021) quanto da relação com a rede mobilizadora. O investimento de recursos como tempo, interações e busca por novas conexões constrói reciprocidade e confiança (Recuero & Zago, 2009), gera capital social, cria e fortalece laços (Amaral, 2016).

A mobilização começa offline, em uma rede de ação coletiva, em um movimento organizado, mas ganha característica de uma ação conectada, uma vez que o movimento coletivo promove uma ação no contexto digital. Desse modo, a investigação aborda as dinâmicas próprias desse ambiente mediado por tecnologia, organizado por algoritmos e com uma gramática própria de cada plataforma.

A estruturação da ferramenta metodológica aqui abordada começa pela definição dos objetivos de utilização: coletar dados, com fins descritivos e exploratórios, para um estudo mais amplo, que inclui metodologias mistas (Maia, 2020). O questionário descrito procura identificar indicadores em duas dimensões: online e offline, como identificado na figura abaixo:

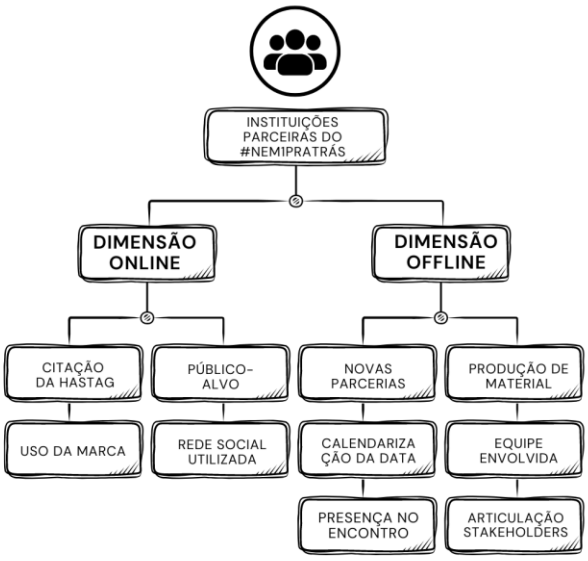


Figura 2 - Dimensões e indicadores

Definiu-se que o questionário seria de administração direta, ou seja, respondido diretamente pelos atores inquiridos e não pelas informações que a investigadora possuía ou receberia deles.

2.1 Desenvolvimento do Questionário

O documento foi desenvolvido através do *Google Forms*, como já preconiza a literatura científica (Santos, 2009). Ele foi estruturado por perguntas fechadas e abertas. O link foi enviado por e-mail para os atores que representaram as instituições em seus endereços oficiais, mas também por WhatsApp, tanto individualmente, quanto no grupo da mobilização.

Designou-se como objetivos principais e específicos: descrever os atores, descrever atividade nas redes sociais online e offline, identificar o engajamento com a causa e com a rede. Tais objetivos foram transformados em objetivos operacionais, com a formulação de questões que indicavam uso da hashtag proposta, participação no drive, reuniões e outras.

Tal formulação seguiu o proposto por Minayo e outros investigadores (2005) que escreveram sobre a triangulação de métodos, especificamente sobre questionários, na avaliação de programas sociais:

> (...) ainda antes da formulação do questionário propriamente dito, é necessário transformar os objetivos principais e específicos em objetivos operacionais (Hill & Hill, 1998). Isto porque são estes os que podem ser atingidos a partir dos dados recolhidos no questionário (Minayo et al., 2005, p. 143).

O inquérito é dividido em quatro seções, seguindo as orientações de Maia (2020):

> Cada uma tem um propósito e se recomenda agrupar as questões pelos objetivos pretendidos. Por exemplo. O objetivo é reunir características da vida profissional. Então, as questões sobre ano de formação, área, profissão atual, motivação para o trabalho, etc., ficam todas perto (Maia, 2020, p. 20).

A primeira seção traz o termo de assentimento livre e esclarecido e aspetos éticos, em que o inquirido foi informado sobre a autoria da pesquisa e as instituições de acolhimento, as características e objetivos da investigação, a participação voluntária; o direito à desistência e a autorização do uso dos dados que envolvem a participação do parceiro na mobilização. Essa é uma seção de preenchimento obrigatório e condição para que se prossiga no formulário. A segunda seção consta de 13 questões e objetiva a identificação da instituição, da equipe, da localização da instituição, da sua atividade-fim, do público-alvo, abrangência geográfica das atividades e setores envolvidos na mobilização. A terceira seção é composta por 15 questões que abordam as atividades desenvolvidas pela instituição para participação no movimento. Na seção final, as instituições responderam oito perguntas sobre seus objetivos, interações e novas parcerias advindas da mobilização.

2.2. Constituição da amostra

No âmbito das Ciências Sociais, o estudo das Redes Sociais, tanto online quanto offline, tem como objeto as relações de um conjunto de atores para detetar modelos de interação social dentro de uma estrutura social (Amaral, 2016).

> A palavra 'rede' sugere momentos nos quais 'se está em contato' intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela, as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento 'indesejável, mas impossível de romper' é o que torna 'relacionar-se' a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma 'conexão indesejável' é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las (Bauman, 2007, p.12).

Essa efemeridade das conexões apontada por Bauman (2007) e o compromisso voluntário pontual com a mobilização digital são características do movimento da sociedade organizada brasileira. Uma instituição considerada parceira pelos organizadores da ação poderia aderir à mobilização em um ano, não o fazer no ano seguinte e retornar na próxima edição, de acordo com as prioridades internas da instituição.

> É fato observado que conforme os laços se fortalecem e que a própria rede cresce oferecendo maior capital social, as instituições tendem a valorizar a presença no grupo. Tal crescimento de adesão ao movimento pode ser verificado tanto na rede social online quanto offline.
>
> Essa informação advinda da experiência empírica coaduna com a definição que Amaral (2016) traz de capital social na internet "com base numa estrutura tripla: construção da reputação online, difusão de informações e criação e manutenção de laços" (2016, p 103).

A cada ano, o número de instituições que participou na mobilização do Dia Mundial da Educação aumentou: começou com 35 e chegou a 200 instituições em quatro anos de atividade.

Algumas delas participaram em anos alternados, outras deixaram de mobilizar porque tinham um evento importante do calendário interno, outras só passaram a integrar o movimento a partir do segundo, terceiro ou quarto ano. Apesar dessa conexão e desconexão ser caraterística do movimento de rede, para efeito desta investigação tivemos como critério enviar os questionários sobre a mobilização apenas para as instituições que tivessem participado de pelo menos duas edições do evento. Um participante que esteve em apenas uma edição poderia converter-se em um valor de erro, ou seja, ele pode não ter uma posição bem contextualizada do todo do movimento. A preocupação é de que obtivéssemos respostas representativas do verdadeiro valor no universo (Hill & Hill, 1998, p.16). Essa decisão resultou em começarmos o compartilhamento do questionário a um universo inicial de 107 instituições.

Outra característica do grupo de atores das instituições que compõem a mobilização é a centralidade da instituição ou projeto que o ator representa. Não se trata de uma rede egocentrada. Uma instituição pode ter um representante ou um grupo deles no movimento em um ano e trazer outra equipe no ano seguinte. Essa constatação converge com o que argumenta Sônia Aguiar (2007):

> Diferentemente das redes sociais de indivíduos, construídas a partir de referenciais egocentrados, as redes de ONGs e movimentos sociais são formas organizativas fomentadas por pessoas que articulam entidades da sociedade civil em torno de ideias, interesses, necessidades e/ou objetivos (estratégicos e táticos) comuns. A condição em que cada indivíduo participa de uma articulação (representando um projeto institucional, agindo com autonomia no interesse de outrem ou em seu próprio interesse) certamente influi qualitativamente na dinâmica da rede (Aguiar, 2007, p. 13).

Outrossim, um representante de uma determinada instituição na mobilização de um ano pode estar em uma instituição diferente no ano seguinte, mas na maioria das vezes ele trouxe essa nova instituição para o movimento, porque ao mudar de emprego, leva a informação sobre a mobilização e a rede que ela aciona para seu novo grupo. Durante os quatro anos de atividade da rede, essa "dança" aconteceu com muita frequência. O movimento ativista conecta as instituições à causa em questão, mas também cresce através do vínculo que proporciona aos indivíduos.

Tal cenário de mudanças frequentes nas equipes justificou a criação de um segundo critério. Pedimos às instituições que as perguntas fossem respondidas por alguém que tivesse se envolvido de fato com o movimento enquanto elas foram parceiras. Em 21 instituições, o

profissional ou os profissionais que participaram já não integravam a equipe, de modo que não foram consideradas válidas para responder ao inquérito da investigação. Cinco parceiros encerraram a atividade em 2024 e outros 26 não responderam. Ao todo, obteve-se 51 instituições válidas.

Tendo em vista que no primeiro ano a mobilização contava com 35 instituições parceiras, ter a perspetiva de 51 instituições oferece um panorama satisfatório do cenário em questão.

2.3. O inquérito e os dados objetivados

Determinados dados estão óbvios no conjunto final das respostas recebidas pelo *Google Forms* e estes dados serão descritos aqui, mas as informações estão a ser processadas, analisadas e correlacionadas com outras ferramentas.

No caso da investigação qualitativa, os questionários têm um lugar de complementaridade em relação às técnicas de aprofundamento compreensivo e dialético. Para mapear a rede, por exemplo, não é possível olhar apenas para o resultado do conjunto das 51 respostas, temos, portanto, que visitar cada uma das respostas aos questionários para fazer essa correlação das conexões. O recorte para este artigo, por uma limitação de espaço, é trazer um panorama descritivo do uso do questionário. A análise mais profunda dos dados qualitativos será objeto de outro trabalho.

Como apresentado anteriormente, a seção após o termo de assentimento livre e esclarecido tinha como objetivo conhecer os atributos de cada instituição que integra a mobilização. Apesar do estudo de redes focar principalmente nas interações, em dados relacionais, também convém conhecer as características de cada unidade da rede (Aguiar, 2007). Para nossa investigação importa identificar os atores e conhecer detalhes sobre equipe e atividade-fim porque eles nos dão pistas sobre quem acionar na investigação-ação.

Depois dos dados de identificação, as questões visam a categorização dos atores. Inquiriu-se a área de formação do inquirido, atividade-fim da instituição, a que público essa atividade se destina, que atividades voltadas à educação a instituição desenvolve, abrangência geográfica da atividade, quais os setores envolvidos na mobilização digital e tamanho das equipes. As respostas ao questionário apontaram que a maioria dos parceiros, mais de 45 % desenvolve atividades para a comunidade escolar, universidades e especificamente, professores. Entretanto, um grande número de organizações, 35% têm suas atividades-fim voltadas para a população em geral, são museus, institutos de pesquisa, braço social de bancos, de montadoras de automóveis e outras organizações comerciais, etc. As respostas referentes a que público a atividade-fim se destina, na etapa de análise, será correlacionada com a pergunta da sessão seguinte sobre a quem as instituições dirigiram a comunicação e as atividades durante a semana do Dia da Educação.

Sobre a área de formação do profissional que esteve envolvido na mobilização digital, os resultados revelaram que não apenas os profissionais de comunicação fizeram parte dessa rede.

Apesar da Comunicação Social ter representado a formação de 54% dos atores, como era esperado, uma vez que tratava-se de uma ação comunicativa, a depender da ação que cada instituição trouxe para o movimento, outros perfis profissionais foram acionados, de modo que foram identificados na rede profissionais da Educação, da Administração, do Direito, do Serviço Social, da Saúde Mental, da Arte, Design, Gestão, Publicidade, Ciência Política, Arquitetura e Urbanismo, além de editoras de livros em geral.

Até aqui, os dados referiram-se a atributos dos membros da rede, mas a terceira seção é relativa ao engajamento com a causa.

Ela visa entender como cada membro da rede participou do movimento digital ativista em prol da educação, que atividades desenvolveu e a que público destinou suas postagens e ações.

Iniciamos com uma questão fechada em que o inquirido poderia escolher de uma lista de quatro opções, que iam de 2019 a 2022, que indicasse de quais edições da mobilização #Nem1PraTrás participou. O gráfico em barras das 51 respostas ficou assim:

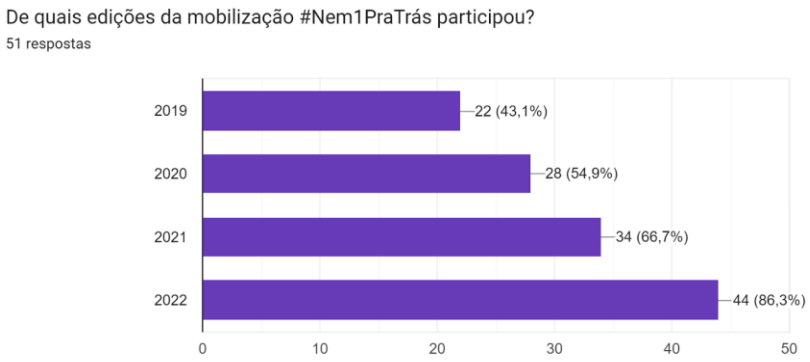


Gráfico 1 – Caracterização da amostra por ano de participação na mobilização

Na sequência, através de uma lista suspensa, podia-se escolher que tipo de ação realizada: presencial, digital ou ambas. Na sequência, uma pergunta aberta possibilitava que as atividades fossem elencadas.

Outra questão fechada dessa seção, conforme o gráfico 2 abaixo, revela um dado da variável "engajamento com a causa": as respostas evidenciaram que a maioria das instituições não tinha o Dia da Educação na agenda de comunicação antes do movimento digital. Mais de sessenta por cento passaram a mobilizar equipes e recursos para essa agenda a partir do movimento.

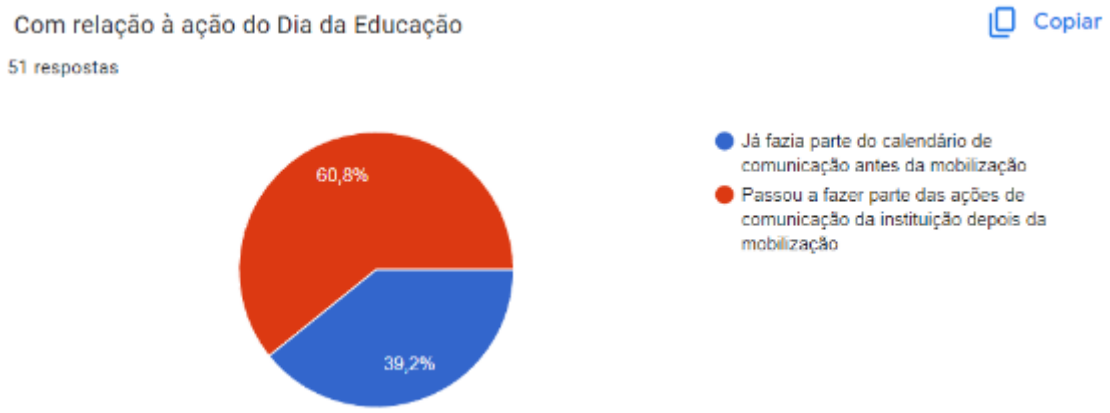


Gráfico 2 - Inclusão do Dia da Educação no calendário de comunicação das instituições

A questão: "Para que público direcionou suas ações nesse movimento?" trazia sete opções que incluíram: público interno, familiares e pessoas ligadas diretamente ao público interno, comunidade escolar, professores, estudantes e suas famílias, outras instituições e público geral.

Outra pergunta inquiria sobre as redes sociais usadas na mobilização e trazia uma lista de cinco opções: *Facebook, Instagram, Twitter, Linkedin* e *Youtube*. Havia a possibilidade do inquirido citar outras redes.

As perguntas seguintes referiram-se ao material gráfico digital distribuído aos parceiros. A Fundação Roberto Marinho produziu imagens em formatos para postagem no Instagram, Facebook e Twitter com dados oficiais sobre a educação no país.

Esse material tinha como objetivo facilitar o engajamento de instituições com equipes que desejassem apoiar o movimento digital, mas lhes faltasse tempo ou estrutura para produzir conteúdo. A disponibilização de tal conteúdo foi avaliada em uma questão de múltipla escolha com uma escala de 1 a 4, cujas opções aparecem nas legendas do gráfico 3, em que se observa a totalidade das respostas.

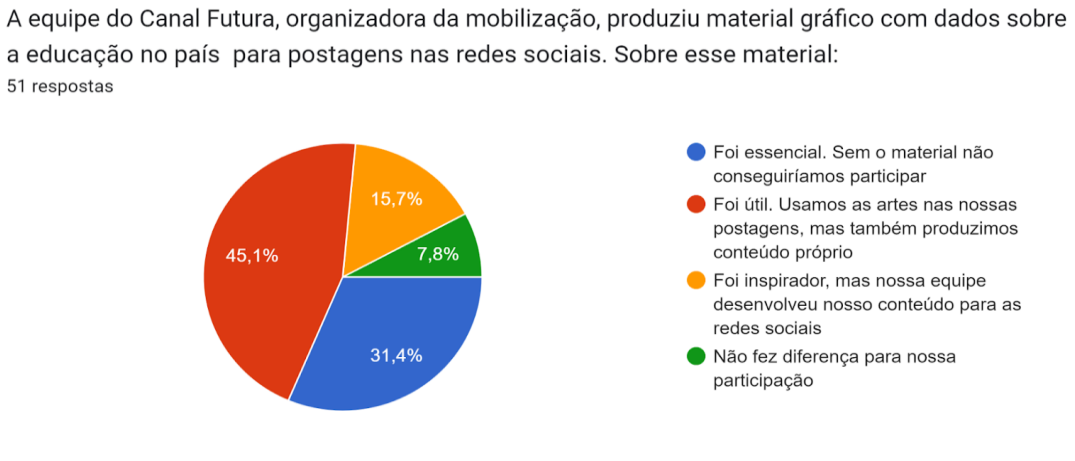


Gráfico 3 – Avaliação do conteúdo distribuído para mobilização de parceiros

Os conteúdos distribuídos não tinham a marca da Fundação Roberto Marinho e nem nenhuma referência de cores que ligasse à instituição. A idealização era por uma publicidade pura, para promover a causa e não quem liderou o movimento, mas os outros atores estavam livres para participar como quisessem. A pergunta seguinte, trazia duas opções: se a instituição parceira colocou a própria marca antes de postar ou se publicou sem alteração. Fato é que muitas instituições produziram o próprio conteúdo, mas entre aquelas que o usaram, interessa perceber se o parceiro estava engajado puramente com a causa ou se importava ter a própria marca destacada no movimento coletivo.

A proposta do movimento digital era que todos os parceiros postassem conteúdo sobre educação simultaneamente, nas três redes sociais já citadas, com as mesmas hashtags #DiaDaEducação; #Nem1PraTrás; #Nem1SemProfessor, a fim de que os algoritmos entendessem a causa como importante e entregassem organicamente o conteúdo ao maior número de usuários possível. Foi perguntado a respeito do uso da hashtag, se ela foi incluída em todas as postagens, em algumas, ou se não usaram.

As instituições parceiras foram convidadas a disponibilizar material útil aos professores, comunidade escolar e estudantes em um drive. A proposta era aumentar o alcance de todo o conteúdo de educação produzido, a partir dessa rede. Sobre o conteúdo que cada instituição colocou no drive procuramos saber o quanto essa dinâmica foi importante para agregar alcance e visibilidade. As opções incluíam “não compartilhei”, “foi interessante compartilhar material, mas não foi o ponto mais importante da participação”, “compartilhar o material que produzimos com a rede de parceiros foi muito importante para nós” e “o compartilhamento do material no drive é essencial”.

Na questão seguinte, perguntamos se a instituição compartilhou ou não com sua rede algum material que outro parceiro disponibilizou.

A preparação para a semana de netativismo incluiu encontros virtuais em que os atores apresentavam suas atividades e as propostas de ação para o movimento. Era um momento de aumentar a própria rede, criar e fortalecer laços (Granovetter, 1983) com atores ativos em prol da educação. Pedimos que os inquiridos marcassem as alternativas com as quais se identificassem sobre a dinâmica desses encontros: se “ninguém da equipe compareceu”, “os encontros não fazem a diferença para a mobilização digital”, “fortaleceram os laços já existentes”, “dos encontros nasceram novas parcerias”, “foram importantes para apresentar nosso projeto” e “foram essenciais para conhecer novas ações e parceiros”.

A seção final explorou ainda mais a movimentação dentro da rede. A primeira pergunta foi fechada e tratou dos motivos da adesão ao movimento: se importava a instituição que liderou, a rede formada, a possibilidade de visibilidade mediática, o compartilhamento do material da instituição na comunidade escolar, a causa em si. A segunda era uma questão aberta que inquiriu sobre que ações de comunicação a instituição realizou.

Com a finalidade de montar o mapa da rede, as três questões seguintes traziam uma lista suspensa com todas as instituições parceiras ativas, inclusive as que não responderiam ao questionário por terem uma equipe nova ou serem recém-chegadas ao movimento. Isso porque interessa-nos identificar todas as conexões. Assim, perguntou-se: Quais parceiros conheceu ou contatou pela primeira vez, em uma atividade voltada para educação, durante a mobilização? Com quais desenvolveu alguma ação conjunta durante as mobilizações? Fez contato com algum desses parceiros depois das mobilizações para novas ações? E o inquirido podia escolher na lista suspensa os nomes das instituições com quem conectou-se. Em seguida perguntou-se sobre o que mudaria na dinâmica da mobilização e quais resultados obteve?

Para finalizar, lançamos a indagação sobre a possibilidade dessas instituições participarem de semelhante movimento na investigação-ação, conforme o gráfico abaixo:

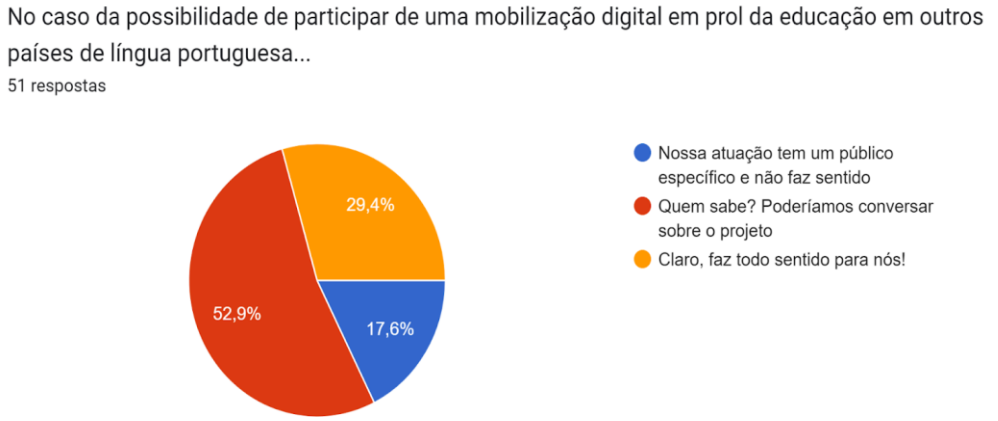


Gráfico 4 – Probabilidade de participação no #DiaDaEducação #Nem1SemProfessor Portugal

3. Gestão dos dados

Os dados da seção dois, de identificação das instituições e da equipe são essenciais para o desenvolvimento do mapa da rede e das interações, entretanto, para efeito de armazenamento dos dados, após o processamento, as respostas foram anonimizadas e os dados pessoais como nomes e contatos foram destruídos.

O questionário em questão e os dados processados e devidamente anonimizados ficarão disponíveis no repositório da Universidade do Minho, com acesso aberto.

4. Considerações finais

Este artigo pretendeu descrever o uso do questionário como agregador à uma pesquisa que triangula métodos, mas cujo caráter principal é o qualitativo. Muitos dos dados obtidos através deste questionário são essenciais à natureza descritiva do estudo de caso e à estruturação da ação da investigação-ação. Experimentou-se com eficiência a afirmação de Minayo et al. (2005) de que "perguntas feitas das mais diferentes formas quantitativas e qualitativas propiciam a compreensão das relevâncias realmente observadas no processo social e de mudança" (Minayo et al., 2005, p.154).

As respostas sobre área de atuação das equipes e atividade-fim da instituição fornecem indicações a respeito das instituições e setores dentro das organizações para os quais pode-se destinar a comunicação ao contatar para a ação portuguesa.

A diversidade de profissionais de áreas distintas identificada através do questionário confirma que o movimento digital envolveu vários setores da sociedade na causa da educação. A informação de que mais de 60 por cento das instituições incluiu a data no calendário de suas comunicações a partir do movimento é um indicador de adesão importante.

Revela-nos que o desconhecimento da efeméride ou o fato das instituições inicialmente não produzirem conteúdo ou terem ações ligadas à educação nessa data não é um impeditivo de contato, muito pelo contrário, aponta-nos que houve uma mudança comportamental dentro das instituições em relação à relevância da causa. As respostas ao questionário possibilitaram a compreensão sobre o que a mobilização digital representou para cada instituição, qual foi o esforço investido pelas equipes no movimento, para que público dirigiram-se e com que estratégia.

Os dados obtidos pelo questionário agregaram informações importantes aos documentos que haviam sido recolhidos e às observações da investigadora, trazendo uma perspetiva de dentro das instituições. Apesar dos questionários serem referenciados na maior parte das fontes bibliográficas como uma ferramenta metodológica empregada tipicamente para investigações quantitativas, seu emprego dentro de um enfoque integrado multimodal mostrou-se eficaz para a construção de uma análise que tem como base a complementariedade entre dados quantitativos e qualitativos. Forneceu-nos os dados que, em uma metodologia mista, propiciou a elaboração de uma perspetiva mais completa do perfil, das ações de participação e das interações das instituições. Os mapas das conexões para visualização da rede em diferentes etapas do movimento foram desenvolvidos.

Os resultados obtidos estão a ser trabalhados tanto no campo teórico, na compreensão do movimento #Nem1PraTrás, quanto para o planeamento e implementação das múltiplas etapas seguintes da ação #Nem1SemProfessor, que está a ser desenvolvida em Portugal.

Este trabalho é financiado por fundos da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior da República Portuguesa, no âmbito do projeto 2023.01746.BD.

5. Referências

Aguiar, S. (2007). Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação, 30, 1–15.

Amaral, I. (2016). Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes. In Labcom. IFP (Vol. 1).

Babo, I. (2018). Redes, ativismo e mobilizações públicas. Ação coletiva e ação conectada. Estudos em Comunicação, Porto, v. 1, n. 27, p. 219–244.

Babo, I. (2024). Activismos, redes e práticas comunicacionais, Lisboa: Documenta.

Bauman, Z. (2007). Vida líquida. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.

Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: Inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados, 2, 13-36.

Duarte, T. (2009). A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). http://hdl.handle.net/10071/1319 ISSN: 1647-0893

Granovetter, M. (1983). The strength of weak ties: A network theory revisited. Sociological Theory, 201–233.

Hill, M., & Hill, A. (1998). A construção de um questionário.

Latour, B. (2013). Redes, sociedades, esferas: reflexões de um teórico ator-rede. Informática Na Educação: Teoria & Prática, 16(1).

Latour, B. (2016). Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. Políticas Etnográficas No Campo Da Cibercultura, 67.

Loureiro, L., Pereira, R., Babo, I., & Silva, C. (2021). Parte I O caso dos ativismos e plataformas que emergiram na sequência dos incêndios de 2017, em Portugal. Ativismo em Rede e Plataformas Colaborativas.

Maia, A. (2020). Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores. 52p. ISBN: 978-65-86101-06-5 [Impresso] 978-65-86101-19-5 [Digital]

Minayo, M., de Assis, S., & de Souza, E. (Eds.). (2005). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. SciELO-Editora FIOCRUZ. Rio de Janeiro.

Minayo, M, & Costa, A. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. Revista Lusófona de Educação, (40), 11-25.

Primo, A. (2012). O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. Contemporânea: Comunicação e Cultura., 10(3), 618–641.

Primo, A. (2013). Interações em rede. In Sulina.

Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1992). Manual de investigação em ciências sociais. Gradiva Lisboa.

Recuero, R. (2009). Redes Sociais na Internet. In Ecompós (Vol. 2, Issue 2003). https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000300006

Recuero, R., & Zago, G. (2009). Em busca das" Redes que importam": Redes Sociais e Capital Social no Twitter [In search of" Networks that matter": Social Networks and Social Capital on Twitter]. XVIII Congresso Da Compós, PUC/MG, Belo Horizonte, 24, 81–94.

Santos, T. (2009). Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social. Sociologias, 120-156.

Veroneze, A. (2024). Conectados: A Publicidade Como Energia Propulsora em uma Mobilização Social. A Publicidade Na Era Da Hiperestimulação, 107-128.

Veroneze, A; Loureiro, L; Figueira, A. (2024). O Fluxo da Comunicação em Prol da Educação: Os Impactos Almejados por uma Investigação-Ação. Desafios de Investigação em Ciências Sociais: A Relevância Social e Científica nos Projetos de Doutoramento. Atas das X Jornadas Doutorais do CECS, 101-121.

Aline Veroneze
Universidade do Minho, Portugal
https://orcid.org/0000-0001-5734-3360
✉ averonezereporter@gmail.com

Luis Miguel Loureiro
Universidade do Minho, Portugal
https://orcid.org/0000-0003-3201-8013
✉ luisloureiro@ics.uminho.pt

Alexandra Figueira
Universidade Lusófona, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-8764-5690
✉ alexandra.figueira@ulusofona.pt